

Vivências, diálogos e interculturalidade: Me redescobrimo em Haia, Holanda

*Experiences, dialogues and interculturality:
Rediscovering myself in The Hague, Netherlands*

*Experiencias, diálogos e interculturalidad:
Redescubriéndome en La Haya, Países Bajos*

Cristiano Grabellos Moura¹

Recebido em: 09 de Dezembro de 2024

Aprovado em: 28 de Abril de 2025

Resumo

A experiência de intercâmbio de Cristiano em Haia, na Holanda, é descrita no texto, detalhando as dificuldades iniciais e os choques culturais que o moldaram. O autor examina as diferenças entre sua vida no Brasil e na Europa, descrevendo seu espanto com o calor do fim de verão e sua surpresa com a arquitetura da cidade e a predominância das bicicletas. Ele fala sobre suas experiências de viagem durante o intercâmbio e o processo de adaptação à rotina de viver e estudar com colegas de diversas nacionalidades. A narrativa é repleta de observações pessoais sobre desenvolvimento, medo e a busca de novas experiências, enfatizando como esse encontro com o global mudou sua perspectiva de vida e carreira.

Palavras chaves: Intercâmbio, Holanda, Cultura, Internacional, Desenvolvimento, Perspectiva

Resumen

En el texto se describe la experiencia de intercambio de Cristiano en La Haya (Holanda), detallando las dificultades iniciales y los choques culturales que le marcaron. El autor examina las diferencias entre su vida en Brasil y en Europa, describiendo su asombro ante el calor del final del verano y su sorpresa ante la arquitectura de la ciudad y el predominio de las bicicletas. Habla de sus experiencias de viaje durante un intercambio y del proceso de adaptación a la rutina de vivir y estudiar con compañeros de diferentes nacionalidades. La narración está llena de observaciones personales sobre el desarrollo, el miedo y la búsqueda de nuevas experiencias, destacando cómo este encuentro con lo global cambió su perspectiva de la vida y la carrera.

Palabras clave: Intercambio, Países Bajos, Cultura, Internacional, Desarrollo, Perspectiva

Abstract

Cristiano's exchange experience in The Hague, Netherlands, is described in the text, detailing the initial difficulties and culture shocks that shaped it. The author examines the differences between his life in Brazil and in Europe, describing his amazement at the late summer heat and his surprise at the city's architecture and the predominance of bicycles. He talks about his travel experiences during

the exchange program and the process of adapting to the routine of living and studying with colleagues of different nationalities. The narrative is full of personal observations about development, fear and the search for new experiences, emphasizing how this encounter with the global changed his outlook on life and career.

Keywords: Exchange, Netherlands, Culture, International, Development, Perspective

Chegar: O Olhar E Ouvir

Cidade de Haia, Holanda. Meu primeiro choque foi logo após sair da estação de trem, ao perceber que a terceira maior cidade do país era constituída, principalmente, de prédios relativamente pequenos. A maioria deles tinha apenas dois andares. Tendo nascido no Rio de Janeiro e vivido a maior parte da vida em Belo Horizonte, para mim, cidade grande era sinônimo de grandes edifícios. O segundo choque veio imediatamente após, o calor. Cheguei em Haia no dia 22 de agosto, ou seja, no final do verão. Sai da estação de trem usando calça de moletom, suéter e jaqueta, o que, somado ao esforço de carregar malas enormes de um lado para o outro, fez com que eu logo mudasse o foco da minha atenção pro sol de 11 horas diretamente acima de mim. A pessoa que me recebeu foi o Luís, colega de universidade do Brasil que havia chegado alguns dias antes de mim. Após cumprimentá-lo, a primeira coisa que falei foi “vamos pegar as chaves rápido porque a coisa que mais quero nesse momento é um short”.

Figura 1 - A Caminho de Haia



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

O prédio em que ficamos era, em sua grande maioria, destinado aos estudantes de intercâmbio. Tinha 23 andares, sendo o segundo uma lavanderia, e ficava a duas quadras da universidade. Meu apartamento ficava no décimo sexto andar e, quando peguei o elevador pela primeira vez, havia um estudante mexicano e uma estudante indiana também subindo para seus quartos. Óbvio que já sabia e estava ansioso com a ideia de conhecer pessoas de outras partes do mundo, mas, ainda assim, lembro de ter ficado reflexivo com

o momento, pensando sobre como eles vieram de realidades 100% diferentes da minha e das quais eu não sabia nada sobre. Assim que abri a porta do meu apartamento encontrei com um dos estudantes com quem eu moraria pelos próximos seis meses, um alemão pouco mais alto que eu e de aparência simpática. Ele estava junto de sua namorada e me perguntou se tudo bem ela passar uns dias com ele no apartamento. Respondi que não tinha problema nenhum e ambos agradeceram e sorriram em resposta. O segundo e último colega de apartamento chegou poucas horas depois de mim, um estadunidense alto, porém tímido. Ele cumprimentou a todos muito brevemente para logo depois se trancar no seu quarto. Minha primeira impressão de ambos foi positiva, principalmente a do primeiro.

Aproveitei os primeiros dias, nos quais não tive aula, para organizar e limpar meu quarto e para conhecer os arredores do prédio e da faculdade. A primeira observação a ser feita é que de fato andam muito de bicicleta na Holanda, tanto que, na ordem de preferência, os ciclistas estão em primeiro lugar. Informação essa que só processei depois de quase ser atropelado por eles umas cinco vezes, número que eu atingi com apenas duas saídas à rua. Em seguida, notei que a maior parte do comércio fechava relativamente cedo, por volta das 17 horas. O que também gerou algumas situações inusitadas, já que, com frequência, eu só lembrava que precisava sair para comprar determinados itens de necessidade básica quando já era tarde demais. Agradeço muito aos meus colegas de apartamento por toda a paciência que tiveram nas várias vezes em que tive que recorrer a eles. Futuramente me foi explicado que é da cultura holandesa buscar uma divisão mais bem equilibrada entre a vida profissional e a pessoal.

Começa, então, a primeira semana de aula, composta de apenas dois dias. No primeiro, reuniram todos os estudantes de intercâmbio em uma mesma sala para nos explicarem o básico sobre a universidade e seu funcionamento. Em seguida, fomos acompanhados pelos coordenadores do programa de intercâmbio para um bar em frente a faculdade, com direito a duas cervejas de graça. Mais uma vez, fiquei chocado e pensativo. Já esperava que a sociedade holandesa fosse mais liberal, mas não imaginava que isso fosse se estender para dentro de uma instituição de ensino. Vale ressaltar que, nesse contexto, isso não é uma crítica. Nessa primeira ida ao bar me aproximei dos outros intercambistas brasileiros, Ana e Luís, e juntos conhecemos o grupo de estudantes mexicanos com quem

logo começamos a sair e viajar, Raul, Débora e Luiza. Ao mesmo tempo, durante a explicação inicial sobre a faculdade, muita ênfase foi dada à questão da pontualidade, tanto em relação ao horário das aulas quanto em relação às datas de entrega de provas e trabalhos. Não posso afirmar nada com muita certeza, visto que só fiquei no país por seis meses, mas essa e várias outras experiências me indicaram uma capacidade muito interessante dos holandeses de lidarem com as liberdades oferecidas por sua sociedade, sem deixar que elas interfiram com seus afazeres.

Figura 2 - O Entardecer Holandês



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

O segundo dia foi exclusivamente dedicado ao processo de inscrição nas matérias. Foi o meu primeiro contato mais próximo com a infraestrutura da faculdade. Tudo extremamente limpo e organizado, grandes projetores, portas automáticas, elevadores e passarelas interligando todos os prédios que compunham a estrutura da universidade e computadores para todos, disponibilizados na hora de fazermos as provas. A única dificuldade que encontrei nesse momento se deu por causa das diversas plataformas online que a universidade tinha, e as matérias tinham um número limitado de vagas, o que transformava todo o processo numa verdadeira disputa. Ainda bem que a coordenadora do programa de intercâmbio estava lá para nos ajudar, assim, consegui me inscrever em todas as matérias que queria. Mas a verdade é que até hoje não entendi o funcionamento de algumas das plataformas que tive que usar lá.

A primeira matéria que escolhi foi *Supply Chain*, que tratava de cadeia de suprimentos, ou seja, os bens necessários para produzir algo, os diferentes tipos de fornecedores que integram o um processo produtivo, a quantidade de matéria-prima necessária durante o processo e a quantidade que os fornecedores são capazes de entregar, bem como possíveis formas de melhora de desempenho. Nesse sentido, as aulas quase sempre consistiam em dinâmicas, como, por exemplo, uma “linha de produção” de aviões de papel na qual cada integrante do grupo podia fazer apenas uma dobra. O objetivo era estudar a melhor forma de dividir as tarefas e ver qual grupo conseguia terminar mais aviões em determinado período de tempo. O professor era uma pessoa tranquila e, antes de se aprofundar na matéria, nos contou sobre suas experiências profissionais e um pouco sobre sua vida pessoal. Ele já havia trabalhado em grandes empresas multinacionais e lecionado em outras universidades. Fiquei admirado e empolgado para as aulas, além de ter simpatizado com o professor, que contou algum de seus hobbies, muitos dos quais eu compartilhava. Eu era o único intercambista da sala, mas rapidamente fui convidado por um grupo de alunos para me juntar a eles. O grupo era composto por uma aluna russa, uma espanhola e um alemão. Nunca interagimos muito fora da sala de aula, mas, de qualquer forma, sempre me tratavam bem e tivemos vários momentos divertidos durante as atividades em grupo.

A segunda matéria foi *Survival Dutch*, que consistia em aulas do mais básico da língua holandesa, apenas o suficiente para “sobreviver”. Essa matéria era exclusiva para intercambistas, o que

significa que haviam vários rostos conhecidos na sala, incluindo o outro brasileiro, o Luís. A professora era nativa de Haia e, além de nos ensinar o idioma, nos ensinou sobre várias tradições culturais da cidade e do país. O idioma é extremamente difícil, tanto a escrita quanto a fala, mas como estávamos estudando apenas o básico, não foi tão difícil de acompanhar. O holandês apresenta várias similaridades com o alemão, o que resultou em vários intercambistas alemães fazendo essa matéria e passando sem nenhuma dificuldade. Mas, admito que a parte que eu mais gostava eram as curiosidades sobre o país: o Festival das Tulipas, o delicioso croquete *bitterballen*, a cor laranja em homenagem à família real e o fato de que você poderia acabar cruzando com o rei na rua sem nem perceber. A Holanda é um país com uma cultura única, e a empolgação com a qual a professora lecionava com certeza tornava tudo mais interessante. Além disso, eu e Luís tínhamos o combinado de sempre ir na academia após essa aula, o que com certeza me fazia apreciar ainda mais o momento. No momento atual, por não ter mantido a prática do idioma, já não me lembro de muita coisa, mas, se eu pegar meu caderno e reler minhas anotações, com certeza vou me lembrar de muito do vocabulário que aprendi e dos momentos que vivi.

Por fim, a última e mais extensa matéria que escolhi, *People and Organization*. O conteúdo tratava de gestão de recursos humanos, abordando tópicos como atração do talento, contratação, *onboarding*, engajamento, execução, desenvolvimento e desligamento, ou seja, o ciclo de vida do empregado como um todo. Mais uma vez, eu era o único intercambista da sala, mas, felizmente, também fui bem recebido por aqueles que participavam dessa aula. A professora era argentina, o que automaticamente resultou em vários possíveis assuntos em comum entre nós, sendo o futebol o primeiro a ser abordado por ela. A carga horária das aulas era mais pesada, mas a turma era pequena, por causa disso todos os alunos acabaram se aproximando bastante. Me recordo, principalmente, da colega de classe italiana, que estava sempre disposta a ajudar os outros, e do alemão, que tinha vários hobbies em comum comigo. O processo avaliativo de *People & Organization* contava com uma prova, um trabalho escrito de 15 páginas e um trabalho em forma de vídeo, todos individuais. A prova foi a parte mais fácil, visto que, além de eu ter genuinamente gostado da matéria, todas as questões eram de múltipla escolha. O fato do conteúdo da matéria conversar bastante com as atividades que desempenhei em um estágio em

consultoria que fiz pouco tempo antes do intercâmbio com certeza também ajudou bastante. O trabalho em formato de vídeo foi um pouco mais complicado, não por causa do trabalho em si, mas porque tive que aprender sobre uma série de funcionalidades do meu computador relacionadas a gravação e edição. De qualquer forma, não era nada extremamente complexo e tudo correu bem. Como esperado, o mais difícil foi o projeto escrito de 15 páginas, o qual consistia em analisarmos o ciclo de vida do empregado em uma empresa de nossa escolha. Foram duas semanas de muita pesquisa, leitura, escrita e aperfeiçoamento do meu inglês. Apesar de não ter deixado pra última hora, senti um certo desespero mesmo assim, o que não foi de todo ruim, visto que fez eu me esforçar bastante. Esse projeto acabou sendo a minha maior nota dentre as três etapas do processo avaliativo.

Enfim, retomando a ordem cronológica dos fatos, os primeiros dias em sala de aula foram extremamente agradáveis, não sei se porque eu era intercambista ou se realmente eram daquela maneira com todos novos estudantes, mas tanto os professores quanto os outros alunos foram muito receptivos. Além disso, antes mesmo de sair do Brasil, eu já havia me inscrito na já mencionada academia da faculdade, e, em pouco tempo, convenci o Luís e o Raul a treinarem comigo. Eventualmente a Débora e um estudante da República Tcheca, o Charles, também se juntaram a nós. Enfim, uma rotina. Manhãs tranquilas, tardes estudando e noites treinando. Já os finais de semana variavam entre idas à praia, noites de filme no apartamento de alguém ou bares e festas.

Estar: O Interagir

Mas, sendo sincero, apesar de sempre ter uma idéia básica do que me esperava no dia seguinte, o mais interessante era a frequência com que eu saía da rotina. Nas aulas, muitas vezes tivemos convidados especiais, como ex-estudantes que hoje ocupam cargos de importância em grandes empresas sediadas no país, além de aulas práticas que podiam variar entre montar aviões de papel e cozinhar com o objetivo de entender o funcionamento de uma cadeia de abastecimento, por exemplo. Referente às atividades físicas, somado a academia, também participei de campeonatos de esportes organizados pela universidade. No primeiro feriado que tive, em outubro, na semana da criança, recebi a visita dos meus pais e da

minha irmã. Apresentei Haia para eles e depois fomos a Amsterdã. Foi uma semana repleta de bons restaurantes e museus. Vale dar destaque ao Rijksmuseum, no qual passamos mais de cinco horas. O museu tinha cinco andares e, além dos quadros, era repleto de armaduras, espadas, rifles e canhões antigos que eu nunca pensei que veria bem na minha frente, fora dos filmes, jogos e livros de história. Foi uma visita extremamente empolgante e proveitosa no sentido de matar a saudade da família.

Voltando para Haia, eu, os outros dois brasileiros e os três mexicanos resolvemos viajar juntos nas duas semanas em que não tínhamos aula, uma no meio de novembro e a outra no final de dezembro. Nossos dois primeiros destinos: Alemanha e Inglaterra. É importante ressaltar que o Raul foi o principal responsável por organizar as viagens, o que significa que, em muitos momentos, eu não sabia o nome dos lugares em que estava. Nas poucas vezes em que o planejamento ficou por minha conta, adotei uma abordagem mais simples, apenas buscava saber qual era a área central da cidade e, chegando lá, saía andando, explorando, sem um roteiro definido. Dito isso, posso afirmar com tranquilidade que o que mais chamou minha atenção em Berlim foi o Portão de Brandemburgo. Se eu estivesse sozinho, poderia ter ficado horas parado ali, pensando em quantas pessoas já cruzaram por ele e admirando sua grandiosidade, que se manteve mesmo depois de mais de duzentos anos desde sua fundação. No segundo dia na Alemanha, pegamos um trem e fomos para uma pequena cidade do interior onde havia um campo de concentração. Não há muito o que elaborar em relação a isso. Não é surpresa quando digo que o ambiente era tomado por um ar pesado e triste. Mas acredito que a experiência tenha me levado a reflexões necessárias sobre a vida.

Figura 3 - Passeio em Londres



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Em seguida, Inglaterra, o segundo destino da nossa primeira semana sem aula. Para mim, o que mais se destacou em relação a Londres foi a estética elegante da cidade. Cafés super arrumados em toda esquina, lindas pontes cruzando rios e, claro, construções mundialmente conhecidas, como o Big Ben e o Palácio de Buckingham. Apesar de nada em específico ter me chamado muito a atenção, foram dias muito proveitosos, repletos de restaurantes e centros comerciais dos mais finos. Mas, naturalmente, a viagem logo chegou ao fim, já que toda essa elegância se traduzia em preços altíssimos, os mais altos que vi até hoje.

Nas semanas que se seguiram, dediquei uma grande quantidade de tempo aos projetos de faculdade. Não só porque queria ter-

miná-los antes da segunda viagem, mas, também, porque foi um período em que eu estava particularmente inspirado, reflexivo com tudo o que estava acontecendo. Além de encantado com a grandiosidade do mundo, notei que estava me sentindo muito mais leve que o normal, menos ansioso. Sentimento esse que também me foi relatado por meus amigos, principalmente pela Ana, com quem compartilhei muitos desses momentos de reflexão. No meu caso, isso se deu por conta de eu ter bem claro na minha mente que só ficaria lá por seis meses, ou seja, não só estava ciente de que tinha de aproveitar ao máximo aquela experiência, como, também, de que em pouco tempo nunca mais veria a maioria daquelas pessoas. Por isso, pouco importava qualquer opinião negativa que pudessem formar sobre mim. Perceber isso me impactou permanentemente. Da mesma forma que saí de lá, não pretendo morar no mesmo país para o resto da vida, quem dirá na mesma cidade. Não há porquê se segurar. No fim, a única pessoa que constantemente tem em mente como você é, é você mesmo. Então, naquele momento, além de gratidão por todo o suporte que estava recebendo da minha família, eu me permiti sentir orgulho de mim mesmo.

Visto que, nessas semanas, além das reflexões, apenas segui a rotina que relatei anteriormente, vale dar um pequeno salto, já para a segunda viagem. Dessa vez, os destinos foram: República Tcheca, Áustria, Eslováquia e Hungria. Infelizmente, um dia antes de viajarmos, houve um tiroteio em uma universidade de Praga. Chocados com toda a situação, quase cancelamos a primeira parte da viagem. Mas, por não sabermos se teríamos uma segunda oportunidade de visitar o país, insistimos, e que bom que o fizemos. Em Praga, nos encontramos com o nosso colega de academia tcheco e ele nos levou ao seu bar preferido. Ele estava ainda mais abalado que nós por causa do que havia ocorrido no dia anterior, mas sinto que, naquele momento, conseguimos nos distanciar de tudo e aproveitar a companhia uns dos outros. Foi extremamente divertido e, com certeza, um dos pontos altos da viagem. Em seguida, Áustria. Apesar de Viena ser uma cidade linda, o momento mais marcante do passeio foi a noite de natal. Passamos a madrugada comendo, bebendo e ouvindo música no AirBnb em que estávamos hospedados. A ocasião rendeu várias fotos engraçadas. No dia seguinte fomos para Eslováquia, e, de todos os lugares que visitei, foi o que menos me agradou. Bratislava, em sua grande maioria, tinha um aspecto cinzento, que passava um ar de desolação. Mal se via pes-

soas na rua, sendo o recepcionista do hostel a primeira com quem interagimos, e este foi extremamente rude conosco e com o grupo que chegou em seguida. Enfim, Hungria. Apesar de ter elogiado a beleza de quase todas as outras cidades que visitei, nada se compara a Budapeste. Estruturas belíssimas em ambas as margens do rio Danúbio, incluindo castelos, igrejas e o Parlamento. Talvez nada supere o que senti quando alugamos patinetes e andamos por mais de meia hora pela margem do rio, apreciando todas as construções, o céu limpo e a luz refletida na água.

Figura 4 - Ponte em Praga



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Sair: O Relato

De repente, janeiro, meu último mês de intercâmbio. Era, também, o mês em que acontecia a maior parte das provas finais. Para mim, restavam apenas duas matérias, Supply Chain e Survival Dutch. A primeira era particularmente preocupante, já que contava com um material de leitura extenso e, de acordo com os meus colegas de sala, com uma prova que exigia que você o decorasse por completo. Foram quase 3 semanas de muitas noites sem dormir e

dores no pulso de tanto escrever, mas proveitosas. Estava motivado, afinal, depois de tanto viajar, não poderia deixar de cumprir o principal objetivo do intercâmbio. Nos dias de prova, inúmeras carteiras eram enfileiradas em todas as quadras esportivas, cada uma com computador em cima. Na entrada, me entregaram um pequeno papel que indicava qual era a minha carteira, onde eu deveria sentar e esperar silenciosamente até que chegasse o horário de começar a avaliação. O ambiente era um pouco intimidador, mas consegui manter o foco. Superado o primeiro obstáculo, me deparei com o seguinte: dois dias para fixar toda a matéria de Survival Dutch. Como consequência, durante a segunda e última prova, tive vários momentos de incerteza, vários momentos em que as respostas me vinham em mente através de memórias muito turvas dos momentos de estudo. Percebi que seria necessário usar todo o tempo disponível e acabei sendo o último a terminar, mas que bom que assim o fiz. Um mês depois, já no Brasil, descobri ter sido aprovado em todas as matérias com aproximadamente 75%. Mesmo eu não tendo distribuído os dias de estudo da melhor maneira possível, acabei percebendo que os meus pais estavam certos todas às vezes que me disseram que “com organização dá tempo de fazer tudo”.

Resolvidas as pendências de faculdade, deu-se início a temporada de despedidas. Duas ocasiões merecem destaque. A primeira, a festa de aniversário de um colega intercambista italiano, que aconteceu no corredor do andar em que ele residia. Através de um aviso colado no espelho do elevador com silver tape, todos foram convidados. De algum jeito, conseguiram uma mesa de DJ, além do aniversariante ter distribuído várias garrafas de vinho entre aqueles que lhe eram mais íntimos. Foi uma ótima oportunidade para nos despedirmos daqueles que gostávamos, mas que não tínhamos proximidade ao ponto de nos encontrarmos em particular depois. A segunda, a despedida dos brasileiros, mexicanos e tcheco, que, com certeza, merecia seu próprio evento. Nos juntamos no apartamento do Raul para uma noite de culinária latina. Relembramos os melhores momentos de nossas viagens, as noites de filme, as noites estudando juntos, as idas à praia, os treinos na academia, as festas, os brasileiros tentando falar espanhol e os mexicanos tentando falar português, os vários momentos em que tivemos que ajudar uns aos outros com coisas simples como arrumar o apartamento ou fazer compras e muito mais. Acho que falo por todos quando digo que pra sempre lembrarei desses seis meses.

Figura 5 - Amigos em Budapeste



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Agora, antes de concluir, vale destacar a experiência que, para mim, foi o encerramento do intercâmbio: minha viagem para a Itália. Todos meus colegas haviam feito pelo menos uma viagem sozinho, e me relataram terem gostado muito da experiência. Nunca tinha feito isso antes, mas eventualmente me convenci de tentar também. Então, me joguei de cabeça e resolvi passar dez dias visitando quatro cidades de um país no qual eu nunca tinha estado antes. Acreditava que a experiência me ajudaria a aprender a me virar sozinho, e, já me adiantando um pouco, definitivamente ajudou. Apesar de caótica, foi uma semana de muito autoconhecimento, visto que, por estar sozinho, tive tempo de sobra tanto para apreciar o país que estava visitando quanto para pensar sobre tudo que havia acontecido nos últimos meses.

Mas, antes disso, dias muito corridos. Uma semana de muitas malas para serem arrumadas, documentos para serem entregues e

reservas de hostel para serem feitas. Após resolver todas as pendências e recolher todos meus pertences do meu quarto, segui para o aeroporto com duas malas enormes. Chegando em Roma, deixei as malas no *locker* do aeroporto e saí apenas com a mochila na qual, de forma milagrosa, fiz caber tudo que precisaria durante a viagem. Entretanto, minha primeira dificuldade surgiu logo de cara. Na estação de trem próxima ao aeroporto, perguntei para uma funcionária qual linha eu deveria pegar para chegar ao centro da cidade. Ela me indicou a direção e eu aceitei a informação sem nem checar se estava de fato entrando no trem certo. Como resultado, entrei em um que estava seguindo na direção oposta ao centro. Fiquei um pouco nervoso, mas nada muito gritante. Isso mudou quando desci na primeira parada do trem e, quando ele já havia partido, percebi que estava em uma estação no meio do nada, cercada apenas por uma vegetação rasteira. O fato disso ter acontecido às onze da noite com certeza contribuiu para o agravamento do meu desespero. A primeira coisa que tentei fazer foi pedir orientação para alguém, mas, para o meu azar, a única pessoa presente na estação que não estava me olhando com uma cara feia falava apenas francês. Então resolvi pegar mais um trem na direção errada, torcendo para que a próxima estação fosse mais amigável. Não era tão amigável quanto eu estava torcendo para que fosse. Dois guardas me orientaram, com muita má vontade, sobre qual metrô eu deveria pegar para chegar ao centro de Roma. O problema é que os metrôs são bem mais lentos que os trens, então foi uma viagem longa. Meu cansaço e desconfiança com o ambiente no qual eu estava tornaram o percurso mentalmente exaustivo, mas enfim cheguei na estação certa. Felizmente, o hostel era bem próximo. Corri para o meu quarto e deitei o mais rápido possível. Nesse momento, lembro vividamente de ter entrado no google, ter pesquisado “Roma é perigoso?” e ter lido a resposta “não, mas recomenda-se evitar estações de metrô à noite”. Desliguei o celular, respirei fundo e deitei para dormir. Superado o primeiro desafio, dormi o máximo que podia para acordar pronto para dar início a minha viagem.

Os pontos turísticos da cidade são, claro, muito interessantes, mas, para além deles, achei a cidade em si muito bagunçada. A sorte é que consegui um hostel bem próximo ao centro da cidade, então consegui fazer tudo caminhando. Apesar da dificuldade inicial, não enfrentei nenhum outro desafio em Roma além de conseguir dormir dividindo o quarto com uma pessoa que roncava particular-

mente alto. Em seguida, Milão. Lembro de muitas pessoas me falando para pensar se queria mesmo visitar essa cidade, visto que ela é mais um centro financeiro do que uma parada turística. Mas que bom que resolvi ir mesmo assim, porque acabou sendo a cidade que mais gostei de visitar. O segundo destino da viagem começou a me surpreender logo de cara, no trem de Roma para Milão. A vista era linda, campos vastos e pequenas cidades lindas nos pés de morros. E Milão em si não ficava para trás, uma cidade linda, moderna, com uma catedral belíssima e restaurantes fenomenais. Gostei tanto que até troquei um dia em Veneza por mais um dia em Milão, e que bom que assim o fiz. Os dois dias que passei em Veneza foram muito legais, a cidade é linda e relaxante, mas a verdade é que não tem muita coisa para fazer. O lugar é minúsculo e, em pouco tempo, é possível ver quase todos os pontos turísticos mais relevantes. Além disso, o lugar estava congelando e cheio de neblina. Por fim, Florença, uma cidade também minúscula e quase que exclusivamente turística. Nessa altura da viagem eu já estava bem cansado, então acabei não aproveitando muito. O único ponto que vale destacar é a catedral, da qual, do topo, era possível ver toda a cidade. A situação problemática do início da viagem me fez prestar muito mais atenção nos detalhes durante os outros nove dias, e, como resultado, não passei por nenhuma outra situação igualmente preocupante. No máximo, quase perdi um ou outro trem por me atrasar tentando entender qual era a linha certa. Naturalmente, estar em um estado quase que de alerta por tantos dias seguidos me deixou exausto. A experiência de fato me ajudou a aprender a me virar sozinho, mas também me fez perceber que sou muito menos introvertido do que um dia pensei ser. Em vários momentos pensei que estaria mais tranquilo e me divertindo mais se estivesse na companhia de pessoas queridas.

Figura 6 - A Neblina Veneziana



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Sendo assim, através deste relato, de forma alguma quero dar a entender que os países que visitei são perfeitos, ou que não tive de lidar com nenhum problema nesse intervalo de tempo. Todos tiveram dificuldade de se adaptar, dificuldade de lidar com o ambiente externo e consigo mesmos em meio a esse ambiente. Além disso, deixei o Brasil com uma série de incertezas e problemas não resolvidos. Mas, ao mesmo tempo, desde o início do curso eu desejava ser aprovado no programa de intercâmbio. Principalmente porque pretendo seguir uma carreira internacional, então, queria testar se tenho capacidade de me adaptar a realidades tão diferentes. No fim, provar para mim mesmo ter tal capacidade foi apenas uma das várias percepções valiosas que a experiência me proporcionou. Ver e vivenciar tanta coisa diferente me permitiu notar o quão monótona a minha vida estava antes do inter-

câmbio, me permitiu notar o quanto a vida pode se tornar mais entusiasmante através de um pequeno esforço de busca por experiências novas. Também encontrei a resposta para muitos dos problemas que tinha deixado para trás e, como consequência, me tornei mais seguro sobre mim mesmo e sobre as minhas ambições.

Se tem algo que quero dar a entender é que, apesar de todas as incertezas, se arriscar de fato vale a pena. Vá. Na pior das hipóteses, no futuro, você vai saber para que lugares não deseja voltar. Quando cheguei em Haia eu decidi que me tornaria menos ansioso, que seria capaz de reconhecer e lidar com os problemas que surgissem, mas que não lhes daria mais importância do que necessário. Reconheci que estava diante uma oportunidade única e mudei para maximizar meu proveito. Por isso, não vi sentido em me ater somente a relatos sobre meus estudos. Claro, foram aspecto fundamental do intercâmbio, mas a experiência conta com vários outros que, em conjunto, resultam em um processo de auto descoberta muito interessante. Conhecer o mundo é, também, conhecer a si mesmo. Assim, quando cheguei no aeroporto de São Paulo, fui tomado por um sentimento de tristeza em um primeiro momento. Mas não queria me sentir assim toda vez que lembrasse desses incríveis seis meses. Então, em um segundo momento, enquanto relembrava tudo o que tinha vivenciado, eu ri.